

# ENTREVISTA 1: VIAGEM À OMÃ

*Cesar Cordioli, Jeffrey Lloyd & Phelipe Mansur*

## **1. Contem aos leitores da Revista INTERCÂMBIO como surgiu a oportunidade de viajar para Omã, quanto tempo vocês passaram lá e qual foi o objetivo deste intercâmbio.**

O Phelipe Mansur recebeu um convite para a abertura da exposição *Tolerância, Compreensão e Coexistência na Terra do Islã* promovida pelo Sultanato de Omã, ocorrida em Foz do Iguaçu em Julho de 2014, na qual estive juntamente com o Sr. Fouad Fakihi. Após a solenidade de abertura, por perceber o holopense favorável foi até o embaixador de Omã no Brasil, Sr. Khaled Al Jaridi, e convidou ele e sua comitiva para conhecer o CEAEC. Dois dias depois, a comitiva de Omã esteve visitando as dependências do CEAEC, participando da Minitertúlia do dia 03.07.14. Em visita à Holoteca, César Cordioli explanou sobre o projeto do Megacentro Cultural Holoteca e entregou-lhes cópia do projeto. Após alguns meses de correspondência com o embaixador e também com Sr. Mohammed Al-Mamari, idealizador da exposição que mostrou interesse em se hospedar por 10 dias no CEAEC durante a visita, fomos convidados para um almoço na casa do embaixador em Brasília, no mês de novembro de 2014, ocasião onde lhe apresentamos o vídeo da Cognópolis traduzido para o árabe.

Um dossiê sobre a Cognópolis e também sobre o Megacentro foi encaminhado para o Sr. Al-Mamari em Omã, contendo o vídeo da Cognópolis em árabe. Isso suscitou uma série de correspondências e no mês de junho de 2015 recebemos o Sr. Al-Mamari no Mabu Interludium para uma imersão de 10 dias na Cognópolis Foz do Iguaçu. Foi providenciado um curso em inglês sobre os princípios da Conscienciologia, ministrado pelo Leonardo Firmato, e tanto Phelipe quanto Jeffrey Lloyd o acompanharam constantemente em dinâmicas, aulas, passeios e jantares durante sua estada.

No momento da despedida do Sr. Al-Mamari foi feito o convite para que fossemos até Omã com as seguintes palavras: “guardo vocês em Omã, apenas se preocupem com a passagem e mais nada”. Embarcamos, então, para Omã em 11.11.15 com destino a Mascate, capital do país, para uma viagem de 10 dias. O objetivo era apresentar o projeto do Megacentro Cultural Holoteca às autoridades do governo com o intuito de levantar recursos para construção do mesmo.

## **2. Como foi o acolhimento do povo omanense para com vocês?**

Foi um acolhimento excepcional, extremamente generoso e cordial. Impressionou-nos o nível de simpatia demonstrado com os visitantes em geral. Tivemos um tratamento de representantes de Estado, com o pagamento de todas nossas despesas, incluindo hotel, refeições, guias e demais, com exceção apenas da passagem aérea que adquirimos. Esse acolhimento cordial foi sentido não apenas na capital, mas também nas cidades do interior que visitamos.

### 3. Que características da vida e cultura de Omã chamaram atenção de vocês?

O espírito de generosidade natural do povo de Omã com certeza é um fator que se destaca. Por exemplo, caminhando no trecho que levava à Gruta de Wadi, nos foram oferecidas tâmaras, bebidas e muita atenção por todos os omanenses, mesmo sem nos conhecer ou ao nosso guia. O povo árabe, em geral, gosta muito de agradar aos visitantes oferecendo comida e presentes aos que adentram seu espaço, porém pudemos observar que o omanense possui um senso de generosidade mais evoluído, desprovido de interesses ou segundas intenções. Por exemplo, determinado dia enquanto tomávamos café da manhã no hotel, um senhor aparentando 50 anos de idade, observou que éramos estrangeiros e levou até nossa mesa uma térmica de café e uma tigela de tâmaras que ele tinha levado para o grupo do qual ele era o líder. Não puxou conversa, não perguntou nosso nome nem sequer tinha qualquer outro interesse senão o de fazer uma gentileza com produtos de Omã.

De um lado, Omã é um país com muito dinheiro advindo da exploração do petróleo. Mas por outro lado, há um contraste social em diversas partes que tivemos a oportunidade de conhecer e que demonstram o quanto o país ainda tem a crescer em termos sociais. Um exemplo disso é a alimentação que tradicionalmente é realizada com as mãos, sem talheres.

O Omanense é uma classe social superior no país que não trabalha tradicionalmente em funções braçais. Os empregos de menor salário, como no comércio e restaurantes são todos ocupados por estrangeiros, a exemplo de paquistaneses e indianos. Não se vê omanenses servindo outras pessoas ou atendendo, pois possuem alta renda mensal com PIB per capita de U\$24.674, sendo o 36º colocado no *ranking* mundial, e um elevado IDH de 0,793 na 52ª posição mundial. A título de comparação o PIB per capita brasileiro é de U\$15.153 e o IDH 0,755. Por isso, hoje as famílias e o governo de Omã têm dedicado esforços para qualificar a mão de obra através do investimento em educação, inclusive fora do país, e o país teve que importar em torno de 1 milhão de estrangeiros para os serviços mais básicos da economia.

Um outro ponto muito importante é a questão cultural, pois trata-se de um país sob a religião islâmica e que portanto causa um choque em relação aos valores tradicionais ocidentais. Os principais pontos de contraste para nós foram a repressão à mulher através do vestuário e do não convívio direto com homens. Em 10 dias, não cumprimentamos nenhuma omanense. Por outro lado, existe uma seriedade no cumprimento das leis e um respeito às normas de convívio social que deixam o clima urbano mais tranquilo, principalmente no quesito segurança.

Tivemos também a oportunidade de ter acesso à realidade dos lares omanenses. Os homens possuem salas reservadas onde apenas podem entrar homens, com mesa para refeições e sofás enormes para grandes reuniões (isso foi um padrão em todas as casas que fomos). Por sermos visitantes, a mesa era servida e retirada pelos homens, nenhuma mulher apareceu enquanto visitamos as casas dos familiares do Sr. Al-Mamari.

### 4. Vocês tiveram a oportunidade de passar uma noite no deserto e explorar lugares exóticos. Conte-nos um pouco sobre estas experiências.

Vale a pena ressaltar dois lugares: o deserto de Wahiba Sands e a gruta de Wadi. No deserto, em apenas algumas horas muitas coisas aconteceram. Primeiro, ao chegarmos na entrada da cidade de acesso o guia nos informou que tinha esquecido as barracas na capital e que precisaríamos alugar. Porém, ao pararmos para tirar foto uma caminhonete se aproxima do carro do guia e desce um homem com roupa típica (dishdash) e começa a conversar com ele. Estávamos longe tirando fotos e nossa primeira reação foi de estranheza e receio, pois se fosse no Brasil poderia ser um assalto. Porém, estávamos em Omã. O Sr. era um beduíno que trabalhava como guia do deserto e estava apenas nos dando as boas-vindas. Ao saber que estávamos sem os apetrechos para a noite, se prontificou a emprestar tudo (barraca, colchonete, cobertores) e ainda nos levar até o melhor local para passar a noite. Ao tentarmos pagar o serviço, o mesmo se recusou a receber e disse que éramos muito bem vindos a terra dele, estava fazendo isso apenas para ajudar.



Omanita com roupa típica (dishdash) oferecendo ajuda aos viajantes.

Fomos, então, em busca dos mantimentos para o jantar. Vimos um açougue vazio e paramos. O Phelipe, vestido de omanense, tinha se encarregado de comprar a carne de carneiro e fazer na fogueira, então entrou sozinho com o guia enquanto César e Jeff ficaram do lado de fora. Em poucos minutos, uma multidão de 20 pessoas se aglomerou em frente ao açougue para saber se quem estava comprando carne era parente do Sultão. Acharam que o César que tinha ficado dentro do carro era o segurança e que algo estava para acontecer na cidade. Foi um momento divertido.



Preparativos para o jantar no deserto.

Quando chegamos para montar acampamento percebemos que tínhamos apenas 2 barracas de uma pessoa para 4 homens grandes. O guia logo se prontificou a dormir no carro e gentilmente o Jeffrey se predispôs a dormir com as estrelas.

Após o deserto fomos conhecer a gruta de Wadi. Um lugar que impressiona pela paisagem e pelo passeio. Para se alcançar a gruta é necessário atravessar um rio, andar em torno de 40 minutos no meio de um imponente vale de pedras, nadar mais 10 minutos e atravessar nadando uma fenda na rocha, para então descobrir uma caverna com cachoeira no meio da montanha. Realmente impressionante.



Navegando o rio em direção à Gruta de Wadi.

Além desses dois passeios, pudemos conhecer muitos outros lugares interessantes como o clube dos diplomatas da capital Mascate, onde o Sr. Al-Mamari nos levou para almoçar e é destinado apenas para membros do governo. Também dois hotéis: um *resort* 6 estrelas chamado Shangri-Lá Barr Al Jissah, e o outro o hotel Al Bustan Palace Ritz-Carlton de Omã, onde já aconteceram diversas conferências internacionais. E a Casa Real de Óperas de Mascate.

### **5. O que mudou em vocês após esta viagem acerca da compreensão do mundo árabe?**

Observamos um contato intenso com equipe de amparadores especializada em paradiplomacia durante toda nossa viagem. Sem exageros podemos dizer que fomos monitorados desde a saída da Cognópolis até nossa volta para casa. Phelipe percebeu três amparadores, onde o mais ostensivo foi o Dag Hammarskjold (ex-Secretário Geral da ONU) que já tinha aparecido em Minitertúlia em 2014. Também um homem árabe jovem com lenço branco e vermelho na cabeça e uma mulher. Jeffrey também percebeu Dag no momento de maior requisição energética que tivemos na viagem durante visita ao interior do país. César percebeu as energias da Monja.

Pudemos compreender na prática a vida do mundo árabe e conhecer melhor a história da região. Além disso, percebemos aumento no nível de responsabilidade com a assistência ao povo e aos países árabes, pois são regiões muito carentes de consciencialidade que necessitam de inserções assistenciais para a melhoria holopensênica. Ficou claro que com esses contatos uma semente foi plantada e frutos podem surgir dela.

Outro aprendizado prático foi o fato de se necessitar cultivar o profundo respeito pelo nível evolutivo das consciências para que a assistência possa ser efetiva.

### **6. Que frutos esta viagem poderá trazer no futuro?**

Existe uma carta de intenções que foi enviada pelo Sr. Al-Mamari manifestando a vontade de realização de parceria para construção de réplica do projeto Cognópolis Foz em Omã, com adequações à realidade local. Também foi manifestado o interesse de se iniciar conversações para auxiliar na construção do Megacentro Cultural Holoteca em Foz. O escritório do Niemeyer foi consultado e manifestou possibilidade de ser feito réplica do projeto lá. Agora existe um trâmite longo a ser seguido para que confirmemos ou não este interesse na parceria.



Reunião de apresentação do projeto Megacentro Cultural Holoteca às autoridades do governo de Omã.

### **7. Quais dicas e recomendações vocês dariam aos voluntários da Conscienciologia que queiram visitar Omã?**

Tenham *muito abertismo consciencial*, pois senão corre-se o risco de entrar em contrapensividade e ficar assediado. Caso queiram outras dicas podem ficar à vontade para falar diretamente conosco, estamos à disposição.

### **8. Caso voltem para Omã um dia, o que fariam de novo e o que não fariam?**

Fariamos tudo de novo, nos predispondo a acessar a equipe de amparadores e seguir as inspirações que forem surgindo.

MEDITERRÂNEO